betel brasileiro CETEMIBB | Centro de Educação Teológica e Missiologica

REFLEXÃO TEOLÓGICA E MISSIOLÓGICA
2024, VOL 1, N° 2, 26-33
ISSN 2965-5234

Crer para compreender, compreender para crer

Me. Yann da Silveira Vieira Lessa[1]

RESUMO

Como razão e fé se relacionam? Estariam elas em constante conflito? Por vezes, teólogos e filósofos se vêem obrigados a escolher um lado, como se precisassem decidir entre o fideísmo e o racionalismo. Agostinho de Hipona consegue demonstrar, com seu brilhantismo característico, que a verdade só pode ser acessada por meio da fé, não havendo lugar para a autonomia da razão. Não obstante, a fé genuína estimula a inteligência para compreender o que se crê. Fé e razão não estão em oposição.

PALAVRAS-CHAVES

Fé e Razão; Autoridade; Racionalismo; Fideísmo.

Este trabalho investigará a relação entre fé e razão em algumas das obras de Aurelius Augustinus (354-430), que ficou conhecido como Agostinho de Hipona por causa da cidade onde foi bispo em grande parte de sua vida. Tanto os filósofos gregos quanto os modernos possuem uma crença em comum: a autonomia da razão. Agostinho, partindo da revelação de Deus, constrói uma antropologia e um entendimento da razão humana que respeita a boa obra de Deus na criação, enquanto ressalta os efeitos noéticos da Queda. Sem fé não há verdadeiro conhecimento, mas a fé genuína irá buscar conhecer.

1. Complementariedade entre Fé e Razão

O brilhantismo de Agostinho pode ser avaliado por seu impacto tanto na teologia cristã quanto na filosofia. Seus argumentos persuasivos e a prolificidade de seus escritos viriam a torná-lo posteriormente a "autoridade suprema do Ocidente latino"[2]. Justamente por tal brilhantismo, o orgulho sempre foi um fator que o afastava dos caminhos de Deus.

1.1 *Autonomia da Razão e o orgulho*

Nas Confissões, ao lembrar seu estado antes da conversão, ele fala sobre sua relação com as Escrituras e com Deus: "Meu orgulho não podia suportar aquela simplicidade de estilo. Por outro lado, a agudeza de minha inteligência não conseguia penetrar-lhe o íntimo. Tal obra foi feita para

[1] Mestre (M.Div) no Seminário Martin Bucer. Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.

[2] Peter Brown, Santo Agostinho: uma biografia, 2ªed. (Rio de Janeiro: Record, 2017), 545.

acompanhar o crescimento dos pequenos, mas eu desdenhava fazer-me pequeno, e, no meu orgulho, sentia-me grande"[3].

Mais a frente ele confessa: "Minha presunção separava-me de ti. Meu rosto, de tão inchado, me fechava os olhos"[4]. Este orgulho era a causa de sua recusa em aceitar a fé de sua mãe Mônica, que nunca parou de instigá-lo a crer e ser batizado. A inteligência de Agostinho já se destacava na universidade de Cartago — aos vinte anos já havia dominado a obra As Dez Categorias de Aristóteles[5], que outros não haviam conseguido. Até sua conversão, em 386, ele teve várias experiências com diferentes crenças e posturas intelectuais; dentre elas o maniqueísmo. Segundo Brown, essa opção pelos ensinos de Mani não surpreende, uma vez que era "uma religião que afirmava descartar toda e qualquer crença que ameaçasse a independência de seu cérebro sumamente ativo"[6].

Mesmo depois de se desiludir com o maniqueísmo e se aprofundar nos ensinos de Plotino, a ideia da autonomia da razão permanece. Os platônicos ofereciam uma visão de Deus que poderia ser alcançada por meio da "ascensão racional e desassistida de sua mente ao campo das ideias"[7]. Após sua conversão, ele irá confrontar tal orgulho da razão com o pressuposto cristão da fé. Como Reale e Antiseri resumem: "Agostinho não podia encontrar em nenhum dos filósofos a verdade do Cristo crucificado para a remissão dos pecados dos homens porque, segundo a doutrina cristã, como já recordamos, Deus quis mantê-la oculta aos sábios para revelá-la aos humildes, sendo, portanto, uma verdade que, para ser adquirida, requer uma revolução interior, não de razão, mas de fé"[8].

Agostinho passa por essa revolução interior de fé. Ele, então, irá usar sua mente arguta para pensar o lugar que a razão deve ter na intelecção da realidade: "A inteligência é fruto da fé. Não procures, portanto, entender para crer, mas crê para entender; porque, se não crerdes, não entendereis"[9]. E também diz: "Deixa que a fé te purifique, a fim de que te seja concedido alcançar a plena inteligência"[10]. A razão precisa, portanto, ser iluminada pela fé para que possa ser bem utilizada. Agostinho não está dizendo que uma mente que não tem fé nas verdades cristãs não possa conhecer, mas que, muitas verdades, em especial aquelas que são superiores, necessitam de fé para serem alcançadas e conhecidas.

---

[3] Santo Agostinho, Confissões, Coleção Patrística, Vol. 10. (São Paulo: Paulus, 1997), 57, Edição do Kindle.
[4] Agostinho, Confissões, 132.
[5] Agostinho, Confissões, 81.
[6] Brown, Agostinho, 60.
[7] Brown, Agostinho, 125.
[8] Giovanni Reale e Darío Antiseri, História da Filosofia: patrística e escolástica, v.2. (São Paulo, SP: Paulus, 2003), 84.
[9] Santo Agostinho, Comentário ao Evangelho de João 29.6, citado em Reale e Antiseri, Filosofia, 104.
[10] Santo Agostinho, Comentário ao Evangelho de João 36.7. citado em Reale e Antiseri, Filosofia, 105.

1.2 *Fideísmo e Racionalismo*

Em sua obra Livre-arbítrio, fica bem clara sua posição quanto à relação entre a fé e a razão. Quando uma verdade é expressa na Bíblia, ela deve ser aceita, mesmo que não se tenha ainda as bases racionais para apoiá-la. "Tem coragem e conserva a fé naquilo que crês. Nada é mais recomendável do que crer, até no caso de estar oculta a razão de por que isso ser assim e não de outro modo"[11]. A razão deve seguir e acompanhar a fé, como se esta fosse para aquela um guia. Agostinho lembra a Evódio que primeiro é necessário compreender para então crer, mas que crendo, deve-se avançar para compreender. Assim ele resume: "Pois não se pode considerar como encontrado aquilo em que se acredita sem entender. E ninguém se torna capaz de encontrar a Deus se antes não crer no que há de compreender"[12].

Isso afasta qualquer ideia equivocada de que Agostinho tenha uma tendência para o fideísmo. Um mero fideísmo não passaria de irracionalismo. Assim sintetizam Reale e Antiseri:

> A fé não substitui nem elimina a inteligência; pelo contrário, como já acenamos, a fé estimula e promove a inteligência. A fé é um 'cogitare cum assensione', um modo de pensar assentindo; por isso, sem pensamento não haveria fé. E analogamente, por seu turno, a inteligência não elimina a fé, mas a fortalece e, de certo modo, a clarifica. Em suma: fé e razão são complementares.[13]

Em seu Sermão 118, Agostinho diz: "Você não consegue compreender? Creia e compreenderá, pois a fé precede a compreensão e, como disse o Profeta: 'Se não acreditares, não compreendereis'"[14]. De algum modo, o Deus que resiste ao soberbo pede para que o ser humano se humilhe diante de sua revelação e deposite sua fé, para que então as verdades superiores e elevadas lhe sejam abertas para compreensão.

Percebe-se que há, portanto, uma tentativa de evitar tanto um reducionismo racionalista quanto outro fideísta. O conflito entre fé e razão não teria qualquer lógica, pois ambas as faculdades têm o mesmo objetivo, que é conhecer a verdade. Tal complementação beira a confusão em certos momentos, onde parece que a relação fé e razão adentra num solipsismo sem fim, mas o Bispo de Hipona se esforça para não deixar a questão confusa. Para que se compreenda bem essa relação, é necessário entender o papel da autoridade para Agostinho.

---

[11] Santo Agostinho, O Livre-arbítrio, Coleção Patrística, vol. 8, (São Paulo, SP: Paulus, 2014), 23, Edição do Kindle.

[12] Agostinho, Livre-arbítrio, 69.

[13] Reale e Antiseri, Filosofia, 88.

[14] Santo Agostinho, Sermão 118. Traduzido de Œuvres complètes de Saint Augustin. (Niterói, RJ: Teodoro Editor, 2019). https://docplayer.com.br/230118250-Sermao-118-a-eternidade-do-verbo- de-deus-santo-agostinho.html. Vale ressaltar que tal uso de Isaías 7.9, com a expressão "Nisi credideritis, non intelligetis" só é possível se utilizando da LXX e é uma tradução equivocada. A própria Vulgata já se aproxima mais da ideia do hebraico, dizendo "Si non credideritis, non permanebis" (Se não acreditares, não permanecereis). Cf. Antônio Patativa de Sales. "A fórmula Nisi credideritis, non intelligetis, em Agostinho de Hipona", Civitas Augustiniana, 7 (2018) 9-29 ISSNe: 2182-7141, DOI: https://doi.org/10.21747/ civitas /72018a1.

2. Autoridade e razão

Em sua obra A Verdadeira Religião, Agostinho afirma que a autoridade "exige a fé e prepara o homem para a reflexão"[15]. A autoridade não caminha sem a razão, pois sempre que se debruça sobre a revelação de Deus, deve-se considerar e raciocinar sobre aquele em quem se crê. A autoridade também prepara a razão para que, baseando-se no que se apropriou pela fé, possa alcançar uma reflexão sobre realidades eternas e invisíveis. Deve-se ter o que ele chama de "crença esclarecida"[16] que crê para compreender. Em seu livro Contra os Acadêmicos, escrito pouco tempo após sua conversão, ele diz: "Todos sabem que somos levados à aprendizagem pelo duplo impulso de autoridade e da razão"[17]. Ele eleva a autoridade de Cristo, através das Escrituras, como sendo a mais confiável das fontes autoritativas. Contudo, há muitos outros assuntos que ele afirma requererem um profundo uso da razão; e quanto a isso ele diz: "desejo impacientemente compreender a verdade não só pela fé, mas também pela inteligência"[18]. Esse desejo irá acompanhá-lo ao longo de toda sua vida em cada reflexão, demonstrando a estreita ligação entre a fé na autoridade e a busca pelo conhecimento através da razão.

2.1 A posição elevada da razão humana

Na obra A Trindade, refletindo sobre tal doutrina complexa, o Doutor da Graça afirma que é possível, através da oração e do estudo, compreender cada vez mais o que se apreende pela fé[19]. Não seria possível, é claro, esgotar o assunto ou alcançar plenamente a realidade do Deus Triúno, mas a razão foi dada ao homem por Deus e pode alcançar verdades invisíveis. Ver com a razão o que se crê pela fé seria uma grande bênção possível ao cristão. Dalpra explica a questão e a torna mais fácil de ser compreendida:

> Crer para entender, entender para crer melhor. Contudo, a fé, para Agostinho, está em estreita relação com a autoridade da Igreja Católica fundamentada nas Escrituras. O que exige, por sua vez, uma etapa racional propedêutica que anteceda à fé capacitando o ser humano a receber o conteúdo das Escrituras. Por decorrência, a relação entre fé e razão dispõe, na formulação agostiniana, de três etapas: uma razão preparatória à fé; um ato de fé, que se consolida com a

---

[15] Santo Agostinho, A Verdadeira Religião | O Cuidado Devido aos Mortos, Coleção Patrística, vol. 19 (São Paulo: Paulus, 2014), 55, Edição do Kindle.

[16] Agostinho, Religião. 33

[17] Santo Agostinho, Contra os Acadêmicos, Coleção Patrística, vol. 24. (São Paulo, SP: Paulus, 2014), posição kindle 2104, Edição do Kindle.

[18] Agostinho, Acadêmicos, posição kindle 2104.

[19] Santo Agostinho. A Trindade, Coleção Patrística, vol. 7 (São Paulo, SP: Paulus). Edição do Kindle. 416. "Certamente, se com fé inquebrantável crerem nas santas Escrituras, como em testemunhas dignas de todo crédito, bem fariam que rezando, estudando e vivendo retamente, fizessem por entender, ou seja, na medida que se pode ver, vejam com a mente, o que é conservado pela fé." 415-6.

> intermediação da autoridade escriturística; e, por fim, uma razão que se volta à fé, quer dizer, uma inteligência do conteúdo da fé.[20]

Vê-se, portanto, que há espaço para a razão tanto antes quanto depois do uso da fé. Deste modo se compreende sua fala no livro *A Predestinação dos Santos*, onde ele escreve: "Quem não vê que primeiro é pensar e depois crer? Ninguém acredita em algo, se antes não pensa no que há de crer. [...] Pois, nem todo o que pensa, crê, havendo muitos que pensam, mas não creem; mas todo aquele que crê, pensa, e pensando crê e crê pensando"[21]. Agostinho argumenta a favor da graça de Deus que nos leva a pensar e ter fé na Verdade; e mostra que no próprio ato da fé é necessário haver pensamento e raciocínio anteriores. Há uma relação de interdependência entre fé e razão. Chacon sintetiza com maestria:

> A máxima proferida pelo bispo de Hipona "*intellege ut credas, crede ut intellegas*", deve ser, portanto, interpretada à luz da exigência que a circularidade fé e razão impõe, a saber: o reconhecimento da existência de uma capacidade cognitiva no ser humano que o permita compreender o anúncio da fé cristã; pois, do contrário, não seria possível sequer crer no *verbum Dei*.[22]

Observa-se na própria atitude de ensino do Bispo de Hipona essa dinâmica. Ao explicar o Credo para os bispos reunidos no Concílio Geral da África, em 393, o apresentou como um documento coerente e inteligível, mesmo que muitos ali fossem pessoas simples e não tivessem a educação e cultura que ele possuía. Ele mantinha a esperança de que uma inteligência dedicada e piedosa poderia compreender de maneira clara todos os pontos centrais da fé expressos no Credo. Diante dos membros de sua igreja, textos complicados eram apresentados de modo que até o mais simples pudesse compreender. Os textos bíblicos deveriam ser compreendidos e não apenas recitados. Brown coloca desta maneira: "Para sua congregação, ele era e continuou sendo o homem que sabia"[23].

2.2 Uma dialética positiva

Derrubando os frágeis alicerces do pensamento dos céticos, o Hiponense defende que é a própria fé que torna a razão confiável, uma vez que sem a crença em Deus, que criou a mente de tal modo a compreender a realidade, e que a ilumina para a verdade, não haveria nada que validasse

---

[20] Fábio C. Dalpra, "A Inteligência é a Recompensa da Fé: a conciliação entre fé e razão na teoria do conhecimento de Agostinho". Intuitio, v.2, nº3, novembro 2009, 130-148. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/intuitio/article/view/5972/4551.

[21] Santo Agostinho, A Graça (II), Coleção Patrística, vol. 13. (São Paulo, SP: Paulus, 2014), 97, Edição do Kindle.

[22] Daniel Ribeiro de Almeida Chacon, Fé e Razão a partir da Obra De Trinitate de Santo Agostinho. (Belo Horizonte, MG: FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2016). Disponível em: https://faculdadejesuita.edu.br/wp-content/uploads/2022/05/201016-5n7x1Q25hms61.pdf. 56.

[23] Brown, Agostinho, 175.

o conhecimento de coisa alguma, e os céticos estariam certos em duvidar de tudo — assim como os proponentes da Nova Academia, em maior ou menor grau, se utilizavam da suspensão do juízo. Mas tal ceticismo não é crível, e para demonstrar isso Agostinho vai se utilizar do argumento do cogito, onde a própria dúvida comprova ao indivíduo que ele está vivo e pode chegar ao conhecimento da realidade ao seu redor[24].

Na perspectiva agostiniana, portanto, a fé e a razão são complementares e parecem estar numa dialética positiva que apenas eleva o conhecimento e a descoberta da verdade. Um bom resumo é oferecido por Ratzinger:

> Estas duas dimensões, fé e razão, não devem separar-se nem contrapor-se, mas devem estar sempre unidas. Como escreveu Agostinho após sua conversão, fé e razão são «as forças que nos levam a conhecer» (Contra Acadêmicos, III 20, 43). Neste sentido, continuam sendo famosas suas duas fórmulas (Sermões, 43, 9) com as quais expressa esta síntese coerente entre fé e razão: *crede ut intelligas* («crê para compreender») – crer abre o caminho para cruzar a porta da verdade –, mas também e de maneira inseparável, *intellige ut credas* («compreende para crer»), perscrutar a verdade para poder encontrar a Deus e crer.[25]

Agostinho ensina que a contraposição deve dar lugar a uma síntese coerente. Fé e razão não lutam para conquistar um espaço de primazia, mas ambas as capacidades foram concedidas ao homem por Deus e devem guiá-lo para a verdade. Crer para compreender, portanto, pois a fé abre a compreensão para a verdade e para o que é superior; e compreender para crer, pois sem o intelecto nem mesmo a fé seria possível, pois esta mesma precisa de um entendimento mínimo do objeto que se contempla para que possa crer. Se razão sem fé é arrogância e presunção de filósofos que não se dobram diante da autoridade de Deus e de sua Igreja; fé sem razão é a negação da imagem de Deus no ser humano, que concede a racionalidade para que o homem se desenvolva e compreenda aquelas verdades aceitas pela fé.

Considerações finais

O pensamento agostiniano forma uma base bíblica e sólida que não tende nem para o racionalismo e nem para o fideísmo. A pintura Santo Agostinho[26], de Philippe de Champaigne, que retrata o Doutor da Graça com seu coração em chamas tendo a mente iluminada pela verdade é, realmente, uma descrição acertada da postura agostiniana diante do conhecimento, adequada àquele

---

[24] Cf. Mariana P. Sérvulo da Cunha, "Santo Agostinho: Fé e Razão na Busca da Verdade". Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, Ano 44, Nº 124, Set/Dez 2012, 422-424. Disponível em: https://faje.edu.br/periodicos/index.php/ perspectiva/article/view/2896/3041.

[25] Joseph A. Ratzinger, Fé e razão em Santo Agostinho de Hipona. Trad. Élison Santos. Vaticano, 30 jan. 2008. Disponível em: https://pt.zenit.org/articles/bento-xvi-fe-e-razao-em-santo-agostinho-de-hipona/.

[26] Philippe de Champaigne, "Saint Augustine". Aprox. 1645-1650. Disponível em: https://denise ludwig.blogspot.com/2013/08/arte-em-pinturas-de-santo-agostinho.html.

que nos confiou ótimas reflexões sobre a fé e a razão. O cristão, segundo Agostinho, é aquele que se dobra diante da autoridade da Palavra de Deus, com humildade e fé; mas também é aquele que busca conhecer a Deus e as verdades da fé se utilizando das falculdades da mente, com fidelidade e esforço. Em Agostinho, fé e razão se abraçam e oferecem a teólogos e filósofos cristãos um esteio firme para o conhecimento.

O artigo foi recebido em: 04/02/2024 e aprovado em: 10/06/2024.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. *Patrística - A Graça (II)* - Vol. 13. São Paulo, SP: Paulus Editora, 2014. Edição do Kindle.

_____. *Patrística - A verdadeira religião | O cuidado devido aos mortos* - Vol. 19. São Paulo, SP: Paulus Editora, 2014. Edição do Kindle.

_____. *Patrística - A Trindade* - Vol. 7. São Paulo, SP: Paulus Editora, 2014. Edição do Kindle.

_____. *Patrística - Confissões* - Vol. 10. São Paulo, SP: Paulus Editora, 1997. Edição do Kindle.

_____. *Patrística - Contra os Acadêmicos* - Vol. 24. São Paulo, SP: Paulus Editora, 2014. Edição do Kindle.

_____. *Patrística - O livre-arbítrio* - Vol. 8. São Paulo, SP: Paulus Editora, 2014. Edição do Kindle.

_____. *Sermão 118*. Niterói, RJ: Teodoro Editor, 2019. https://docplayer.com.br/2301 18250-Sermao-118-a-eternidade-do-verbo-de-deus-santo-agostinho.html

BROWN, Peter. Santo *Agostinho: uma biografia* - 10. ed. - Rio de Janeiro, RJ: Record, 2017.

CHACON, Daniel Ribeiro de Almeida. *Fé e Razão a Partir da Obra De Trinitate de Santo Agostinho*. Belo Horizonte, MG: FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2016.

CHAMPAIGNE, Philippe de. "Saint Augustine". Aprox. 1645-1650. https://deniseludwig.blogspot. com/2013/08/arte-em-pinturas-de-santo-agostinho.html

DALPRA, Fábio C. *"A Inteligência é a Recompensa da Fé": a conciliação entre fé e razão na teoria do conhecimento de Agostinho*. Artigo. Intuitio, Porto Alegre, RS: v.2, nº3, novembro 2009. pp.130-148.

SALES, Antônio Patativa de. *A fórmula Nisi credideritis, non intelligetis, em Agostinho de Hipona*. Civitas Augustiniana 7, 9-29, 2018. ISSNe: 2182-7141 DOI: https://doi.org/10.21747/ civitas/72018a1

RATZINGER, Joseph A. *Fé e razão em Santo Agostinho de Hipona*. Trad. Élison Santos. Vaticano, 30 jan. 2008.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Darío. *História da Filosofia: patrística e escolástica*, v.2. São Paulo, SP: Paulus, 2003.

CUNHA, Mariana P Servulo da. *Santo Agostinho: Fé e Razão na Busca da Verdade*. Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, MG: Ano 44, Nº 124, Set/Dez 2012, pp. 422-424.